

# APRESENTAÇÃO

*José Carlos Pereira*

Em outubro de 2017, a Revista Travessia celebrou 30 anos de existência com um seminário que reuniu vários de seus colaboradores e fundadores, além de contar com a participação de novos pesquisadores, pastoralistas, imigrantes e refugiados que fizeram análises e relatos sobre suas respectivas experiências com a migração. Este fértil seminário possibilitou o reencontro afetuoso entre colegas e amigos que há tempos não se viam e sintetizou objetivos de Travessia como a articulação entre prática, teoria e diversidade analítica.

Em seu primeiro número, a capa estampava imagens de migrantes sazonais internos. Mas, ao folhear a revista, o leitor logo se dava conta da diversidade de abordagens sobre as migrações interna e internacional a partir das ações dos agentes da pastoral do migrante e das inquietações dos pesquisadores. Destacavam-se aí análises de caráter teórico--metodológico e o enfoque sobre questões referentes a gênero, trabalho, questão agrária, festas, etnias além de relatos de agentes da Pastoral do Migrante acerca das atividades desenvolvidas com migrantes dentro e fora do Brasil.

Colaboradores como José de Souza Martins, Maria Aparecida de Moraes Silva, José Gebara, Giacomo Baccharin, Suzana Sochaczewski, Lida Izabel da Luz etc. contribuíram para a compreensão mais ampla e profunda acerca das questões sociais objetivas e subjetivas, estruturais e pontuais como trabalho, políticas públicas, gênero, organização social, economia, cultura que determinam e são determinadas dialeticamente pelos processos migratórios vivenciados pelos migrantes e seus familiares .

Já na edição do nº 1, Travessia propunha dialogar com um público destinatário diversificado composto por pesquisadores, gestores públicos, movimentos populares, igrejas e, é claro, os próprios migrantes. Ainda que tenham ocorrido mudanças na forma física e na periodicidade da revista (nasceu quadrimestral e, em 2010, tornou-se semestral a partir do nº 66. A Revista Travessia volta a ter periodicidade quadrimestral a partir da presente edição, nº 82), aquela proposta de Travessia se manteve ao longo dos seus 30 anos.

A presente edição procura manter aquela escrita, através da qualidade humana e acadêmica de seus colaboradores. Mas, também busca acompanhar criticamente as transformações dos processos migratórios contemporâneos. Estes são cada vez mais intensos, dinâmicos e desafiadores, tanto na perspectiva epistemológica quanto para a construção de uma agenda política para o acolhimento e inserção social de migrantes. Isto exige esforço em ao menos

três perspectivas distintas, porém articuladas entre si. Isto é, a mobilização permanente de movimentos e associações de migrantes ou que trabalham com migrantes; abertura dos Estados para o trato dos migrantes na efetiva perspectiva de direitos, e revisão permanente da literatura especializada a fim de testar a operacionalidade de velhos e novos conceitos que procuram retratar as diversificadas e desafiadoras travessias de migrantes com seus “novos rostos” e motivações objetivas e subjetivas.

Os “novos rostos” (mulheres e crianças) não seriam tão “novos” assim no que se refere à sua presença em processos migratórios. Eles são novos quanto a maior visibilidade política, econômica, laboral, epistemológica e como alvos prediletos da ação do tráfico internacional de pessoas, por um lado, e, por outro, quanto à sua atuação como protagonistas na formação de redes, associações e coletivos de mulheres migrantes que vêm ocupando espaços nos movimentos de incidência política e participação social por direitos.

Em pouco mais de um século a migração cresceu quase oito vezes (7,8) de tamanho, passando de 33 milhões de migrantes, em 1910, para cerca de 260 milhões em 2017. Por trás desses crescentes números há homens, mulheres, jovens e crianças ora enxotados ora motivados a protagonizar permanentes e arriscadas travessias. Vivem sob condições jurídicas e econômicas precárias, incertas que os submete a um vai e vem e provocam confusões acerca de clássicas noções como “origem e destino” dos migrantes, desafiando a concepção de novos métodos e conceitos como “circularidade”, “fronteira”, “transnacional” etc. a fim de compreender e expressar transformações sociais e novas dinâmicas como a migração Sul – Sul, a migração transnacional, a migração fronteiriça etc.

Nesse contexto, situação dramática é a de migrantes e solicitantes de refúgio internos encurralados na pobreza em países como República Democrática do Congo, Senegal, Angola, Etiópia etc. com grandes jazidas minerais e de petróleo, porém mergulhados em conflitos políticos, étnicos, religiosos. Ao mesmo tempo que esses países recebem solicitantes de refúgio, também expulsam migrantes e produzem milhares de refugiados.

Aquelas dinâmicas migratórias também têm sido cada vez mais recorrentes nos diversos Estados europeus, seja envolvendo os seus cidadãos em busca de trabalho seja envolvendo cidadãos de países de outros continentes, imigrantes, frequentemente sem documentos e também em busca de oportunidades laborais.

Igualmente crítica é a situação de imigrantes vindos de diversos países africanos, asiáticos e do Oriente Médio passam pela Itália e procuram entrar na Áustria, na Alemanha, mas são barrados na Hungria; migrantes que buscam entrar na Inglaterra, mas são amontoados em campos improvisados em Calais, na fronteira francesa, onde espreitam possibilidades de se esconderem em um

comboio subaquático ou em um navio durante a travessia para o lado inglês da fronteira; de milhares de crianças que, separadas ou desacompanhadas de seus pais, também erram por fronteiras e abrigos em busca de um lugar seguro para dormir seus sonhos de um novo recomeço.

No chamado Triângulo Norte da América Central (Honduras, El Salvador e Guatemala na fronteira com o México) a realidade não é diferente para milhares de mulheres, homens e crianças, que procuram fugir da pobreza e das “maras<sup>1</sup>”. Pendurados, montados em “*La Bestia*” ou no “*Tren de los desconocidos*”, seus percursos migratórios se caracterizam pelo medo, terror e esperança de, ao cruzarem a fronteira sul com o México, não sejam assassinados, acidentados, traficados, deportados, até alcançarem a fronteira norte mexicana com os Estados Unidos, onde também sentem aqueles mesmos medos e a mesma esperança de alcançar as terras norte-americanas. Se estas reservam-lhes armadilhas como o tráfico, a Indocumentação e a deportação, também figuram em seus imaginários como uma espécie de Canaã (terra onde correm leite e mel) a aguardar-lhes após a travessia de calcinantes desertos.

Na América do Sul as migrações fronteiriças e transnacionais também acentuam seus contornos em países como Peru, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Venezuela e Brasil com o trânsito e o pouso, muitas vezes provisório, de migrantes senegaleses, angolanos, congolese, nigerianos, haitianos e latinos que, impedidos ou vislumbrando as crescentes dificuldades de entrar em países do Norte, buscam de oportunidades de trabalho nos países do Sul global, onde, ao menos em tese, sua entrada e permanência seriam mais facilitadas.

Talvez o caso mais emblemático seja o da imigração venezuelana para a Colômbia, Equador, Peru, Chile e para a fronteira norte do Brasil, nas cidades de Pacaraima e Boa Vista em Roraima, onde se acumulam em estações rodoviárias e praças públicas à espera de algum auxílio, trabalho, mesmo que seja um “bico”, para comprar alimentos ou enviar dinheiro para familiares que ficaram na Venezuela. O país está mergulhado em crises econômicas, políticas e convulsões sociais, não bastassem as sanções e embargos impostos pelos EUA, que fizeram minguar e depois desabastecer por completo os supermercados e armazéns do país. Em um dos maiores produtores de petróleo do mundo a população não vê perspectivas, sequer, de abastecimento alimentar no curto e médio prazo. Enxotados por crises internas vinculadas à política local e por acordos internacionais dos quais não tomaram parte nas tratativas, quem pode cruza as fronteiras de países vizinhos levando consigo a esperança e a insegurança sobre o acolhimento, a documentação, o trabalho, a moradia, a saúde, o futuro imediato etc., mas, dispostos a qualquer coisa que viabilize a sua sobrevivência.

No Brasil, apesar do alarido de setores da imprensa xenófobos, a imigração internacional e o refúgio representam, juntos, menos de 2% (cerca de 1.800.000 pessoas) do conjunto da população brasileira. Percentual muito abaixo de países

como Estados Unidos da América (EUA). Em 2017, os EUA tinham cerca de 43.700.000 de migrantes (13,5%) no conjunto de sua população (CAMAROTA; ZEIGLER, 2017). A presença de imigrantes no Brasil também fica muito aquém da que é constatada na Alemanha pelo DESTATIS (2017), que registra cerca de 18.600.000 de migrantes (22,5%) no conjunto da população alemã .

À margem do alarido da mídia segue a migração nacional interna que, se . anuncia possibilidades de melhores condições de vida e ascensão social dos migrantes e suas famílias, também denuncia o descaso governamental com a questão agrária; com a violência, a pobreza, a falta de oportunidades e perspectivas para a população jovem do campo que não duvida em marchar para as periferias urbanas diante do encantamento, muitas vezes de sereia, que a cidade e suas fontes de atração (empregos, educação, lazer, redes de relacionamento, entretenimento etc.) exerce sobre eles. Não obstante, a cidade e sua modernidade, mesmo comportando inúmeras relações de trabalho degradante ou análogo a escravo, paradoxalmente também se coloca como estratégia de ruptura com o mandonismo ou laços de servidão que caracterizavam relações sociais de seus locais de origens.

Assim como o Estado brasileiro não resolveu problemas sociais que estão na base da migração interna, apesar de alguns inegáveis esforços, também não se preparou devidamente para a imigração internacional mesmo sendo esta inexpressiva na comparação com outros países.

Nesse contexto surgem novos e cada vez mais complexos desafios para governos, instituições, movimentos populares, grupos e associações de migrantes preocupados com políticas públicas pro ou anti-imigrante, xenofobias, preconceitos e a articulação de ações concretas que viabilizem a compreensão mais profunda e o acolhimento dos migrantes, efetivamente, na perspectiva de direitos.

Na presente edição esses temas são trazidos à tona articulando questões estruturais e pontuais, objetivas, existenciais e subjetivas que acionam e são acionadas pelos migrantes. Já na capa de Travessia, Sergio Ricciuto apresenta a imagem de uma “família migrante num turbilhão de planos cromáticos”, que evocam aquelas questões entrelaçadas às subjetividades do “eu”, do “outro”, da identidade, do imaginário, com quem, como, “para onde?” presentes nas motivações e tomadas de decisão no início e durante a imigração.

Ao abordar sobre a “*sociabilidade do ausente*”, José de Souza Martins questiona categorias teóricas e metodológicas que, por seu aspecto militante ou vitimista, dão conta apenas parcialmente dos elementos subjetivos, existenciais, como o imaginário do migrante que, ora é determinado, não raro de forma dramática, pelas estruturas do capital ora projeta, a partir dessas mesmas estruturas, o alcance de melhores condições de vida, a sua dignidade e a sua utópica liberdade, ainda que sejam vivenciadas somente por suas futuras gerações.

Maria Aparecida de Moraes Silva também fala sobre o imaginário na migração através de um trabalho desenvolvido com crianças filhas de migrantes maranhenses. Em *“Nas cores dos desenhos, as travessias (não travessuras) das crianças maranhenses”*, a autora analisa sobre como crianças filhas de migrantes maranhenses expressam, através de desenhos, o seu imaginário e sociabilidade acerca da migração de seus pais para o corte de cana na região de Ribeirão Preto-SP.

Flávia Martins em *“Cruzando olhares: imigrantes e refugiados nos movimentos de ocupação em São Paulo”* aborda sobre um dos principais desafios para migrantes e refugiados, o acesso a moradia. Ela destaca a participação nos movimentos de ocupação em São Paulo como uma forma de acesso à moradia. Esta tem sido marginalizada nas políticas públicas de urbanização e habitação e, concomitantemente tornou-se uma mercadoria de alto custo no bojo da acumulação ampliada de capital.

Em *“As organizações internacionais de apoio e a imigração dos países do Leste Europeu no Pós-Segunda Guerra Mundial: as possibilidades do recomeço”*, Alisson H.M. Cunha, Maria do Rosário R. Salles e Sênia R. Bastos discorrem sobre a criação dessas organizações como “consequências das políticas de Estado”, que as criaram no período que vai do fim do século XIX passando pelas duas grandes guerras na primeira metade de século XX. Os autores enfocam a criação dessas organizações no Brasil e apontam para a sua construção de narrativas próprias sobre o que e quem são os migrantes e refugiados. Ainda abordam sobre a sua contribuição para as estratégias de acolhimento e criação de redes de solidariedade e articulação entre os migrantes e refugiados.

O texto *“Onde estão as fronteiras? Como brasileiros indocumentados experienciam o regime de fronteiras em britânicas”*, de Gustavo Dias, fala sobre o caráter multidimensional das fronteiras britânicas. Na experiência dos brasileiros que vivem sem documento na Inglaterra, as fronteiras se estendem das divisas geográficas, portos e aeroportos para praças, bairros, ruas e avenidas etc. São as fronteiras moveis travestidas em corpos policiais que podem apanhar, prender e deportar imigrantes sem documentos reconhecidos pela Inglaterra. O texto fala sobre as estratégias dos imigrantes e seus agenciadores, quase sempre migrantes retornados que conhecem o sistema de fronteiras britânico, para entrar e articular seus deslocamentos ente o trabalho, o lazer, a moradia e a vida como prófugos das fronteiras móveis que se multiplicam por toda parte.

Sidnei Marco Dornelas aborda sobre as *“Migrações contemporâneas: desafios para a acolhida e a integração social a partir da Pastoral do Migrante”* e destaca a complexidade dessas migrações chamando atenção para suas características diaspóricas; a insegurança jurídica, a precariedade laboral e os desafios para a Pastoral do Migrante em suas ações de acolhimento seja

como “*ad extra*, serviço à sociedade e aos migrantes” seja “*ad intra*, como constituição de comunidade de fé dos e com os migrantes no interior da Igreja”. Também não ficam de fora reflexões sobre políticas de acolhimento institucional a partir dos Estados.

O texto “*Travessias de vida e de pesquisa: notas sobre Estudos da imigração hispano-americana no Brasil*”, de Sidney Antonio da Silva, parte dos trabalhos realizados pelo próprio autor - enquanto padre antropólogo e depois não mais investido do exercício do sacerdócio - e destaca o maior volume de pesquisas sobre a imigração boliviana no conjunto dos hispano-americanos. Ao final, há uma problematização acerca dos desafios teórico-metodológicos para a análise das Migrações hispano-americanas a partir da imigração venezuelana em contextos de fronteiras.

“*Migración de retorno de Estados Unidos a México y propuestas de desarrollo local de las comunidades transnacionales, la academia y la Sociedad civil*” é o texto de Rodolfo G. Zamora que discorre sobre a organização e mobilização da sociedade civil mexicana para propor ações articuladas com o objetivo de reintegrar migrantes retornados no contexto de crises econômicas, política anti-imigração e deportações.

Daniele S. Sana; Fábio Lanza; Julia R. Rodrigues; Líria M. B. Lanza e Mario V. Alves se debruçam sobre a imigração haitiana em Londrina, norte do Paraná, e problematizam processos de reterritorialização a partir da religião. No texto “*Os processos de reterritorialização dos imigrantes haitianos na região de Londrina-PR e sua interface com as religiões*”, os autores apontam para aquela reterritorialização como uma estratégia de inserção social e também de afirmação da identidade cultural dos migrantes haitianos em Londrina-PR.

Em “*Um relato de encontros e vivência missionária*”, Ir. Ines Facioli fala sobre a sua experiência missionária junto a migrantes e refugiados no Equador, Estados Unidos e em diversas regiões brasileiras. Em cada lugar desafios diversos, aprendizados, saberes e renovação da esperança com homens e mulheres em travessias.

O Pe. Alfredo José Gonçalves fala sobre a criação da Revista Travessia e os seus 30 anos de existência. O seu relato “*Travessia, uma ideia brotada do chão*” destaca a interpelação entre o trabalho prático com os migrantes e a reflexão teórica como uma estrada de “mão dupla” a delinear os contornos dos objetivos de Travessia.

Dois resenhas também compõem os conjunto de textos dessa edição. A primeira é de Elizabeth Ruano sobre a tese “*Integração social de refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil e no Canadá: Colombianos em São Paulo e em Ontário*” da autoria de SIMÕES, G. F., defendida na Universidade de Brasília, em 2017. A segunda resenha é de Sidnei M. Dornelas sobre o livro

*“Educación, Pueblos Indígenas y Migrantes: Reflexiones desde México, Brasil, Bolivia, Argentina y España”*, coordenado por Gabriela Novaro, Ana Padawer, Ana C. Hecht.

Por fim, há divulgação sobre os novos livros e teses disponíveis na biblioteca do CEM; do site de acesso à Travessia online, e das normas de publicação da revista.

Aos nossos colaboradores nossa gratidão pela generosa contribuição e parceria ao longo daqueles 30 anos de existência. Novos colaboradores têm chegado para confirmar, renovar e fortalecer o trabalho a partir das suas competências acadêmicas, experiências de vida, convergências, mas também das divergências intelectuais, conflitos e contradições próprios do processo de produção de uma Revista especializada em uma temática inter e transdisciplinar como a migração. Boa leitura.

## Notas

<sup>1</sup> O termo “maras” é designado a grupos armados ligados ao narcotráfico, ao tráfico de pessoas, a assassinatos por encomenda e ao recrutamento de crianças para atuação como soldados. As “maras” estão presentes em El Salvador, Honduras e Guatemala.

<sup>2</sup> “La Bestia” ou “Tren de los desconocidos” são trens de carga que partem da fronteira sul do México com a Guatemala; fazem paradas em Cidade do México e seguem para fronteira norte mexicana com os Estados Unidos da América. Milhares de imigrantes da América Central e do México fazem longas e perigosas travessias montados ou pendurados nos comboios cargueiros que seguem rumo a diversos destinos da fronteira norte mexicana como Matamoros, Tijuana, Cidade Juarez. Chegados até estas fronteiras, aguardam dias, semanas, meses por uma oportunidade de entrar, a qualquer custo, para o lado norte americano. Dentre esses imigrantes há muitas crianças recrutadas como soldados, crianças separadas ou desacompanhadas dos pais, crianças com os pais, homens e mulheres marcados pelos horrores da violência em El Salvador, Honduras e Guatemala, pelas privações e riscos da travessia. Os que entram nos EUA sabem da grande chance de serem transformados em clandestinos, mas também nutrem e imaginam a possibilidade de “fazer a América”, mesmo ao custo de profundas marcas no corpo e na alma.

## Referências

CAMAROTA, A. S. ; ZEIGLER, K. U.S. **Immigrant Population Hit Record 43.7 Million in 2016.** Washington: CENTER FOR IMMIGRATION STUDIES, 2017. Disponível em: <https://cis.org/sites/default/files/2017-10/camarota-imm-pop.pdf>  
Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

DESTATIS(STATISTISCHES BUNDESAMT. **18.6 million people in Germany have a migration background. Germany, 2017.**  
Disponível em: <https://www.welt.de/politik/deutschland/article167287260/In-diesem-Bundesland-hat-sich-die-Zahl-der-Migranten-mehr-als-verdoppelt.html>  
Acesso em 18 de fevereiro de 2018.